

O PENSAMENTO SOCIAL BRASILEIRO EM *SUPERSTIÇÃO E COSTUMES* DE LUÍS DA CÂMARA CASCUDO

Francisco Cleiton Vieira Silva do Rego (UFRN)

Amana Raab Nascimento Câmara e Silva (UERN)

RESUMO:

O presente artigo objetiva discutir a importância de Luís da Câmara Cascudo para o Pensamento Social Brasileiro, através da análise de um de seus mais de 150 livros escritos: *Superstições e Costumes*. Esse livro apresenta uma rica etnografia detalhada acerca dos costumes e das crenças que habitam no imaginário social, valorizando assim aspectos folclóricos presentes na manifestação social dos povos. Cascudo defende que o folclore não é característica de povos primitivos e atrasados, mas de todos os povos, nas suas mais variadas formas e símbolos. O artigo se divide em duas partes, onde pretendemos discutir sobre: a) a formação do pensamento social brasileiro através das obras e da trajetória de vida de Câmara Cascudo e b) análises socioantropológicas feitas a partir das crônicas do livro em questão.

Palavras-chave: Câmara Cascudo, Superstição e Costumes, folclore, pensamento social brasileiro.

ABSTRACT:

This paper aims to discuss the importance of Luís da Câmara Cascudo for Brazilian Social Thought, based on analyses of his book "Superstição e Costumes". That book presents a richly detailed ethnography on the customs and superstitions that inhabit the social imaginary, thus enhancing folkloric aspects in the social manifestation of peoples. Cascudo argues that folklore is not characteristic of primitive and backward peoples, but of all peoples, in its many shapes and symbols. The article was divided in two parts, where we intend to discuss: a) the formation of Brazilian Social Thought through the works and the life trajectory of Cascudo, and b) socio anthropological analyzes made from the chronicles of the book in question.

Keywords: Câmara Cascudo; Superstição e Costumes; folkloric, Brazilian Social Thought.

Introdução

Queria saber a história de todas as cousas do campo e da cidade. Convivência dos humildes, sábios, analfabetos, sabedores dos segredos do Mar das Estrelas, dos morros silenciosos. Assombrações. Mistérios. Jamais abandonei o caminho que leva ao encantamento do passado. Pesquisas. Indagações. Confidências que hoje não têm preço.

Luís da Câmara Cascudo.

Neste artigo, objetivamos discutir a importância de Luís da Câmara Cascudo, autor potiguar, para o Pensamento Social Brasileiro a partir de uma de suas obras. Escolhemos o livro *Superstição e Costumes* por se tratar de uma obra bastante representativa da vida social

do povo, mais especificamente, da cultura popular brasileira, tema bastante discutido em toda a produção de Cascudo. Nesse livro, o autor procura demonstrar através de ampla observação — onde faz uso de exemplos pessoais para comprovar sua argumentação — e de uma etnografia detalhada, que as superstições fazem parte da vida cotidiana dos povos e que, por isto, não devem ser menosprezadas como fenômeno nem como objeto de estudo. À época de publicação do livro, um grupo de intelectuais constituído, sobretudo, por sociólogos, dentre os quais se destacava Florestan Fernandes, resistia aos ideais do Movimento Folclórico, do qual Câmara Cascudo fazia parte.

Lançado em 1958 pela Antunes & Cia. Ltda., *Superstição e Costumes* nos mostra as mais variadas superstições que modelaram costumes no Brasil por meio da sua herança histórica. Costumes de ampla carga social, como brincadeiras infantis que posicionaram socialmente as crianças no nosso país, além da veia difusionista de Câmara Cascudo. O livro aborda várias temáticas brasileiras, tais como: religiosidade popular, o cotidiano doméstico, brincadeiras infantis, influência cultural indígena e africana no Brasil, aspectos corporais na expressão da cultura nacional, tudo isso envolto na herança histórico-cultural que o Brasil adquiriu do mundo afora.

Dada a grande quantidade de crônicas no referente livro – quarenta ao todo – e ao imenso espaço que seria necessário para discutir cada uma delas aqui, iremos nos debruçar sobre uma crônica específica: “A bruxa e a tesoura aberta”, que aborda claramente certa superstição presente no Brasil, além de aspectos da vida infantil, temática que se repete constantemente no livro, de forma direta e/ou indireta nas seguintes crônicas: “Bodoque”; “Influência africana na lúdica infantil brasileira”; “O indígena no brinquedo do menino brasileiro”; “Caretas”; e “Alguns jogos infantis no Brasil”.

Câmara Cascudo: Vida, Obra e contribuição ao Pensamento Social Brasileiro

Optamos por falar da vida, da obra e da contribuição de Luís da Câmara Cascudo ao Pensamento Social Brasileiro em um único tópico por acreditarmos que a vida deste autor está ligada indissociavelmente à forma como contribuiu para esse Pensamento, assim como à forma como escreveu as suas obras.

Câmara Cascudo nasceu no ano de 1898 na cidade de Natal, no Rio Grande do Norte, onde falece em 1986, aos oitenta e oito anos de idade. Bacharel em Direito, Cascudo recebe várias denominações dos mais diversos autores. Ele é chamado historiador, memorialista, articulista, professor, jornalista, ensaísta, crítico literário, romancista, antropólogo, folclorista

e etnógrafo. Somente isso já nos daria uma noção do quão vasta, quanto polêmica e diversificada é a sua obra — se não fosse também o fato da divergência dos estudiosos quanto ao número de obras por ele publicadas. Diógenes da Cunha Lima (1998), colaborador de Cascudo, é o autor de uma das obras mais conhecidas acerca do autor: *Câmara Cascudo, um brasileiro feliz*, onde cita 144 livros de Cascudo, além de outros 11 inéditos. De todas estas obras, *Dicionário do Folclore Brasileiro* é a mais renomada, comentada e (re)conhecida, podendo ser considerada a obra-prima deste autor. Livro de referência nacional e internacional.

Quando pensamos em situar Câmara Cascudo no cenário do Pensamento Social Brasileiro, uma das primeiras questões que surgem é sobre o lugar em que ele se situaria, um potiguar, no cenário intelectual (pré)dominado pela força intelectual que imperava no centro-sul do Brasil. Isto porque os modelos de interpretação e análises da sociedade brasileira tendiam a ser imitadas a partir de como se orientavam as pesquisas nestes centros, embora tais modelos de compreensão já fossem importações de modelos institucionalizados na Europa e nos países centrais. Sendo assim, do cenário internacional, Cascudo vai receber fortes influências da teoria antropológica basicamente anglo-americana, principalmente com James Frazer, Franz Boas e Edward Tylor e, do cenário local, é fortemente influenciado por Mário de Andrade e Gilberto Freyre.

Câmara Cascudo é ainda visto como um pesquisador ativo em todos os movimentos que buscavam compreender ou interagir de forma direta com a sociedade. Para tal, informou-se acerca do movimento iniciado com a Semana de Arte Moderna de 1922, logo após abandonar o curso de Medicina no Rio de Janeiro — por motivos econômicos e de perfil pessoal. Neste momento, ele já se encontra envolvido com movimentos que questionavam a realidade da sociedade brasileira. Foi no Recife — onde concluiu Direito — que teve contato com o Modernismo pernambucano (1925) e com o Movimento Regionalista (1926), este liderado por Gilberto Freyre.

Sendo as motivações intelectuais de Cascudo, nacionalistas, em 1930, decide integrar-se à vertente mais conservadora do Modernismo, passando assim, a se colocar na órbita do Movimento Integralista, liderado por Plínio Salgado. Lima (2008) ressalta que o envolvimento de Cascudo com o Integralismo não foi o motivo para que ele estudasse temas de cultura popular e folclore, mas que ocorreu exatamente o oposto, sendo, portanto, o interesse de Câmara Cascudo pela cultura brasileira que o teria levado a fazer parte do Movimento Integralista, pois um dos ideais deste movimento é justamente o apelo

nacionalista. Ocupou ainda cargos no Governo Estadual como burocrata especializado, trabalhando inclusive como Consultor Jurídico.

Câmara Cascudo é visto também como um autor que perpassou por diversas correntes de pensamento antropológicas, tais como: evolucionismo, funcionalismo e difusionismo. Entretanto, é possível perceber em sua Obra e depoimentos, que ele também possuía uma visão relativizadora sob alguns aspectos. Portanto, entendemos que Cascudo não pertenceu a uma corrente específica — embora tenha se aprofundado mais na corrente de pensamento difusionista — e sim que se caracterizava por uma mentalidade aberta a outros conceitos, extraindo deles o que lhe parecesse mais coerente.

A partir da década de 40, uma clivagem que separou em diferentes contextos institucionais uma diferenciação regional das Ciências Sociais e dos seus intelectuais acabou por estimular o chamado Movimento Folclórico, cujos pontos básicos podem ser resumidos em três: desenvolvimento do estudo e da pesquisa do folclore nacional; apoio aos esforços para a preservação de nossa herança folclórica; e introdução do tema no ensino formal. De acordo com Brandão (2010), tais posições foram largamente criticadas pelos representantes da sociologia academicamente orientada, que ainda estavam emergindo nesse período, e que seria responsável pela definição do padrão de atividade intelectual que presidiria a nova face de institucionalização das Ciências Sociais, que iniciaria a sua consolidação, com a criação de novos programas de pós-graduação em São Paulo, no Rio de Janeiro e em Brasília.

Entretanto, apesar das críticas e da resistência, em particular a do principal representante da ciência social universitária, Florestan Fernandes, os participantes do Movimento Folclórico, devido à sua intimidade com a Antropologia, tornaram-se catedráticos nas regiões afastadas destes centros. Ainda de acordo com Brandão, esse tipo de estudo se tornou, no Brasil, o modelo de um intelectual não-científico, não acadêmico, de um colecionismo descontrolado e uma postura empirista ligada por uma relação romântica ao seu objeto.

Entendemos, portanto, que uma marcante característica desses autores pertencentes ao Movimento Folclórico é a nostalgia, visto que todos evocam suas memórias, referências saudosas a fatos folclóricos ou pitorescos em seus discursos. Isto também contribuiu para o olhar atravessado dos intelectuais da época, pois esse tipo de postura não corresponde ao gosto do *ethos* desses intelectuais “por apresentar uma imprecisão literariamente trabalhada onde se confunde passado e presente, experiência individual e coletiva, sujeito e objeto” (BRANDÃO, 2010).

Em 1941, Câmara Cascudo fundou a Sociedade Brasileira do Folclore com o intuito de estudar “as cousas populares”, isto porque já vinha pesquisando a poesia, o canto e os costumes do Nordeste. Era também membro do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Norte e da Academia Norte-Rio-Grandense de Letras, da qual também participou da fundação.

Em 1958, publica o livro *Superstições e Costumes*, o qual é publicado com dois objetivos além dos intuitos capitalistas óbvios e de propagação da pesquisa do autor: comemorar os quarenta anos de escritor que Cascudo estava comemorando na presente data; comemorar também os seus sessenta anos de idade. Essa obra é muito importante para o conhecimento e a compreensão da cultura brasileira como um todo, valoriza o que antes era tido como menosprezado.

No entanto, é importante se perguntar porque os escritos de Câmara Cascudo não figuram entre os reconhecidamente científicos. Que fatores colaboraram para que seus textos fossem consultados apenas como fontes ou inventários de épocas, e não como análises gerais sobre cultura e sociedade no meio acadêmico das Ciências Sociais? Poderíamos ligar a alguns fatores comumente elencados pelos críticos. Primeiramente, Câmara Cascudo não apresenta um método sistematizado para seus estudos; segundo, figura em uma posição quase marginal no cenário intelectual brasileiro – apesar disso não lhe retirar o reconhecimento; e terceiro, o autor não se preocupava em se vincular aos padrões acadêmicos de produção, com listas de referências bibliográficas, citações marcadas etc.

Como veremos no livro *Superstição e Costumes*, o autor se dedica a trazer também suas lembranças pessoais para compor exemplos de seus argumentos. No entanto, esse foi um recurso utilizado por outros pensadores sociais de grandes centros, mas pela posição que Cascudo acabou assumindo em seus textos, ele figura em uma posição diferenciada em relação aos grandes teóricos. Podemos ainda apontar para o fato de não haver na obra de Cascudo uma tentativa geral de uma teoria acerca da sociedade brasileira, uma vez que o autor se preocupa, embora não apareça de modo evidente, em tratar dos costumes e crenças populares como recorrentes em todas as sociedades.

Superstições e Costumes em Câmara Cascudo

Com aspectos evolucionistas, funcionalistas, difusionistas, memorialistas e integralistas, Cascudo escreve *Superstições e Costumes* mostrando os costumes corriqueiros do dia-a-dia do brasileiro. Sendo as temáticas relacionadas à infância as mais recorrentes no

livro como um todo, discutiremos aqui algumas práticas que este autor potiguar descreve a partir de suas origens históricas.

Segundo Dias (2008), *Superstições e Costumes* estuda a relação de coisas e objetos presentes no cotidiano com as crenças populares, universo em que a superstição modela alguns costumes. Propomos, então, pensar a própria superstição como um fenômeno social, onde a sua influência se mostra presente na estrutura característica de um grupo. Seja na cultura popular, seja na cultura clássica, as crenças se perpetuam porque alcançam e se fixam no imaginário social de um povo, ou de um grupo, como é o caso da cultura popular que Cascudo etnografa. Nesse caso, como o autor demonstra, a nossa sociedade altamente positivista na época, também se encontrava absorva em superstições. É uma característica de todas as culturas, então o autor apresenta um elemento universal que pode não ter sido o seu interesse de buscar. Como afirma Durkheim (2003), não há proposição falsa que perdurasse na consciência coletiva, ao tratar das religiões. Para Durkheim, não há religião falsa porque todas são dadas à existência humana, não podendo uma proposição cultural permanecer de pé caso ela seja uma mentira. De acordo com a argumentação de Durkheim, não há “superstição” falsa e sim construções sociais criadas para satisfazer necessidades igualmente válidas.

Na segunda crônica do seu livro, “A bruxa e a tesoura aberta”, Câmara Cascudo nos mostra que no Brasil de sua época tinha-se o costume de colocar, próximo ao recém-nascido e mesmo na cama da mãe, uma tesoura de aço aberta para afugentar a bruxa que poderia vir para sugar o sangue da criança (CASCUDO, 1958). Essa tesoura poderia ser substituída por qualquer objeto que lembrasse a forma de arma cortante e que fosse de aço; é o próprio aço que tem o poder para defender a pessoa de qualquer espírito maligno que anda à noite. Às forças adversas, “a lâmina de aço é um amuleto de poder irresistível”, vendo-o, o mal é atraído para longe de sua potencial vítima.

Usando um exemplo pessoal, o autor fala de um amigo brasileiro de pais italianos que se hospedou em sua casa, no bairro do Tirol em Natal, onde antes de dormir posicionou um espadim da Marinha Imperial embaixo da cama. E, ao ser indagado por Câmara Cascudo por que o fizera, respondera que era para afastar os maus espíritos.

Segundo o autor, essa prática de usar o aço para se proteger de espíritos malignos se origina na Roma antiga, onde se invocavam os deuses Picumnus e Pilumnus para proteger a esposa e os filhos dos deuses malignos, quando o homem não se encontrava em casa para fazê-lo. Por representação de uma acha de ferro, essa presença material anunciava a presença espiritual dos inseparáveis deuses que protegiam a agricultura, o campo e a produção. Com o passar do tempo — e no Brasil, a bruxa e outros espíritos malignos repetem a retirada do deus

maligno Silvanus¹ da antiguidade clássica —, ao se perceber a simples presença do aço (a arma anuncia o guerreiro) tem-se um prelúdio do espírito de proteção.

Ao defender que o folclore e a superstição não iriam se perder com o passar do tempo ou com o avanço do conhecimento, Câmara Cascudo não estava errado, muito dessa carga que descreve na referida crônica ainda existe hoje no Brasil. O que Cascudo defendia era que, embora essas superstições se renovassem em forma ou em símbolo, ainda assim prevaleceriam na estrutura social. Na crônica em questão, podemos ainda perceber a superstição que deifica objetos inanimados para a proteção de si mesmo ou de entes próximos.

A lembrança do tempo de infância (a mãe que aconselhava a segurar a chave de casa ao viajar, para assegurar que não passasse mal; que não abrisse e fechasse a tesoura sem necessidade, pois estaria amaldiçoando a mãe), trata-se, aliás, de uma das características principais tanto de Câmara Cascudo como de outros autores intelectuais representantes do Movimento Folclórico: o saudosismo e memorialismo.

A descrição da superstição por Câmara Cascudo, procurando suas origens em outras épocas e culturas, repete o interesse de sociólogos e etnólogos como E. Durkheim, M. Mauss, E. Tylor e C. Lévi-Strauss, de encontrar uma origem comum para hábitos encontrados em vários lugares. Principalmente de orientação evolucionista francesa e inglesa, os autores buscavam elementos universais, origem comum que pudesse explicar o fenômeno ao qual estavam aludindo (MELO, 2014). Essa é uma característica também encontrada em Câmara Cascudo, quando seu interesse nas crônicas sempre irá remontar à origem da crença e do costume que se reporta a um momento original da história da humanidade. Nesse sentido, o condicionante do costume apesar de ser encontrado no meio no qual ele se desenvolve, Câmara Cascudo acaba por ver nele um elemento histórico, originário de outro momento.

O que condiciona os costumes? Que significado eles têm na estrutura social? Podemos identificar algumas respostas a essas perguntas, para certos costumes, em Câmara Cascudo. O que ele tentava descrever e analisar era desde o sentido de se utilizar figuras míticas em locais que, sumariamente, negar-se-ia o sentido básico de alguma religiosidade, até o significado de ações tão simples do dia-a-dia, que, geralmente, não se dá conta.

Uma característica muito interessante também do livro *Superstição e Costumes* é que, neste, é predominante o tema infância através de várias crônicas. Na infância, os indivíduos já

¹ Silvanus, deus de origem romana, antes conhecido também como Fausto, gostava de assustar viajantes que andavam pela floresta. Na sua história mitológica, é um deus ambíguo que protege as atividades pastoris, mas que gosta de assustar os andarilhos. Para mais detalhes sobre deuses das florestas e outras mitologias europeias expressivas, ver *O Ramo de Ouro*, de James Frazer (1983).

são condicionados na cultura. Isso é percebido e descrito por Câmara Cascudo como a própria aprendizagem através das brincadeiras para a vida social, diferentemente de autores atuais, como Clarice Cohn (2005), que defende que as crianças são mais produtoras do que produto da cultura. No entanto, podemos ver que o autor se refere à aprendizagem — na infância — do que será feito nos papéis sociais desempenhados quando adultos. Na verdade, o autor não se aprofunda na vida cultural propriamente infantil, mas mostra que as suas brincadeiras não são “vadiagem”² e sim construtores de seus futuros papéis que os posicionam no cenário social. Muito embora, no Brasil escravista, as crianças já fossem posicionadas ao nascer, seja para a escravidão, seja para o alto da hierarquia de dominação, pela forte hierarquia social mais evidente que agora.

As brincadeiras que as crianças negras estavam envolvidas no Brasil, na época escravista, segundo Cascudo, eram condicionadas pela natureza do trabalho dos pais, principalmente das mães. Se a mãe trabalhasse na Casa-Grande, o filho acompanhava o senhor-moço nas brincadeiras e era por ele explorado. Se fosse ao campo, a criança começava cedo a colher, a brincar com o bagaço da cana e aos pais imitava (CASCUDO, 1958, p.54).

Percebem-se também, no conjunto de crônicas sobre a infância brasileira em *Superstição e Costumes*, as brincadeiras herdadas de Portugal — em sua maioria — e as influenciadas pelos indígenas e africanos. Para Câmara Cascudo, os negros africanos não influenciaram de forma direta com aspectos puramente africanos as brincadeiras infantis. Na verdade, o autor mostra que não se têm registros das brincadeiras africanas – os aspectos infantis eram de maneira geral menosprezados pelos viajantes. Nesse sentido, o autor pondera que no máximo, teriam trazido as lembranças de brincadeiras de guerra (os meninos). Já quanto aos ameríndios, Cascudo se refere com poucos registros das brincadeiras. Desses, as crianças brasileiras teriam recebido poucos exemplos. No geral, quanto aos meninos, havia as brincadeiras de guerra, de pesca, por meio das quais imitavam o pai. Já quanto às meninas, havia as brincadeiras de cozinhar e participar das colheitas com a mãe — atividade prestigiada às mulheres nas culturas indígenas do Brasil.

Nessa época, as brincadeiras das meninas já eram as de brincar com bonecas, com a reprodução da vida doméstica em que as mulheres eram imbuídas. Percebe-se, portanto, que as meninas brancas e as negras escravizadas já estavam sob forte hierarquia social da ideologia racial, mesmo brincando juntas. Já os meninos negros escravos eram mulas de carga dos meninos brancos, fazendo todas as suas vontades, brincando de luta, etc. Assim, podemos

² Termo usado pelo autor.

perceber claramente um diálogo entre as obras de Câmara Cascudo e as de Gilberto Freyre (2006), mais particularmente com a obra *Casa-Grande & Senzala*, onde Freyre relata os costumes inseridos na cultura brasileira através da mistura de negros, índios e brancos. Um elemento construtor do brasileiro é evocado, nos dois autores, dessa forma.

Câmara Cascudo defende ainda que a superstição não é característica de culturas “atrasadas” ou primitivas, mas que em toda sociedade, desenvolvida ou não, as superstições existem e persistem. Nessa linha de pensamento, as superstições condicionam os costumes, e as superstições e costumes seriam produtos da difusão histórica da cultura, mesmo que detenham aspectos e ressignificações locais. Cascudo não entende que haja culturas inferiores ou superiores, apenas que seriam diferentes, estando em processos históricos diferentes. Entretanto, apesar desse aspecto relativizador, o difusionismo permeia todo o livro. Mesmo que tal teoria não tenha respaldo científico atualmente, não consegue retirar a importância, a atualidade e significado dos escritos do norte-rio-grandense Luís da Câmara Cascudo. A obra etnográfica de Cascudo muito nos mostra da cultura brasileira, suas interfaces e construções sociais, através da observação e do registro.

Além do difusionismo, o modernismo também é característica desse livro, a liberdade de escrita encontra-se aqui; é de fácil acesso — retirando os trechos em língua estrangeira —, percebe-se a supressão dos apóstrofes nas palavras que se juntam a outras, como ‘nágua’ (n’água), ‘p’ra’ (pra), pouco realizado anteriormente, mas incrementado pelos modernistas no Brasil, aos quais o autor se vinculou. No entanto, essa supressão era fortemente criticada pelo seu amigo, também escritor Mário de Andrade, em cartas pessoais, onde fazia referência também à utilização por Cascudo de adjetivos antes de substantivos. Segundo Mário de Andrade, essa inversão retirava da língua portuguesa, em outras palavras, seu aspecto legítimo, sendo característica de outra língua (LIMA & SÁ JR., 2010).

Como vimos, o livro em que nos debruçamos aqui é um exemplar interessante para pensarmos como os escritos de Câmara Cascudo se inserem dentro de um esforço em pensar o Brasil, em entender seus costumes, hábitos e de traçar uma origem histórica e social. Permeado por hábitos pessoais e de fontes históricas, o autor irá recorrer a elementos originais circunstanciais para explicar superstições e costumes.

Conclusões incompletas

Luís da Câmara Cascudo, independentemente das críticas que lhe são atribuídas, estava amplamente comprometido com a construção do conhecimento. Escritor de mais de

150 livros, 300 artigos e 1.500 cartas, esteve preocupado em mostrar a importância dos caracteres nacionais, desmistificando (pré)conceitos, mostrando valores e a importância histórica da cultura, não apenas de uma cultura de elite, mas e especialmente da cultura popular do povo brasileiro e, ainda mais particularmente, do povo nordestino.

Muito embora o difusionismo não seja reconhecido atualmente por causa da dificuldade empírica de provar a difusão das características que seriam processo da formação cultural, a história é fundamental para pensar o passado, nossos preâmbulos sociais. Até mesmo porque sabemos que nenhuma cultura é totalmente pura, mas que nela são inseridos aspectos culturais dos mais distintos povos. O que nos leva a pensar acerca da característica de permanente influência que o contato entre grupos estabelece entre as culturas, como nos mostra muito mais profundamente Barth (2000). Não existe, portanto, cultura “pura”, separada dos demais grupos.

Pensar o Brasil foi o que mais permeou os estudos de Câmara Cascudo, mesmo não sendo ele historiador nem antropólogo de formação acadêmica — um dos principais motivos de reservas atribuídos a ele. Cascudo esteve ainda envolto em escritos de antropólogos nacionais e estrangeiros. Dessa forma, foi capaz de construir obras muito úteis no entendimento da cultura popular, mais particularmente do folclore, tão menosprezado por muitos cientistas sociais.

Obra rica em densos detalhes etnográficos, *Superstições e Costumes* mostra o amadurecimento intelectual de Câmara Cascudo, pois ele já havia publicado sua obra principal, *Dicionário do Folclore Brasileiro*. Assim, o autor discorre com mais propriedade acerca dos costumes do Brasil e de suas múltiplas características sociais e culturais. Câmara Cascudo, é antes de tudo, um pensador do Brasil, um cidadão de sua terra e do mundo, bairrista e intelectual.

Referências

- BARTH, Fredrik. *O guru, o iniciador e outras variações antropológicas*. Rio de Janeiro: Contra Capa Livraria, 2000.
- BRANDÃO, T.. Luís da Câmara Cascudo e a Teoria Antropológica: influência na formação de seu pensamento. Disponível em: <<http://goo.gl/HsQv6D>>. Acesso em: 28 jul. 2010.
- CASCUDO, L. da Câmara. *Superstições e Costumes*. Rio de Janeiro: Antunes, 1958.
- COHN, C. *Antropologia da Criança*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2005.
- DIAS, Mouro. O Brasil Plural de Câmara Cascudo. *Primeira Versão*, ano VII, n. 231, v. XXII, Porto Velho, mai/ago 2008.

DURKHEIM, E. *As formas elementares da vida religiosa*. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

FRAZER, James. *O Ramo de Ouro*. Rio de Janeiro: Zahar Editor, 1983.

FREYRE, G. *Casa-Grande e Senzala: Formação da família brasileira sob o regime da economia patriarcal*. 51ª. ed. São Paulo: Global, 2006.

LIMA, M. S. *Percurso Intelectual de Luís da Câmara Cascudo: modernismo, folclore e antropologia*. Disponível em: <<http://goo.gl/GY24Uc>>. Acesso em: 29 jul. 2008.

LIMA, Maria Hozanete Alves de.; SÁ JUNIOR., Lucrécio Araújo de. *Correspondências trocadas entre Câmara Cascudo e Mário de Andrade: notícias da língua, notícias do povo*. Mesa-Redonda em XVIII Semana de Humanidades da Universidade Federal do Rio Grande do Norte, 9 de jun. de 2010. *Mimeo*.

LIMA, D. C. *Câmara Cascudo: um brasileiro feliz*. 3. ed. Rio de Janeiro: Lidador, 1998.

MELO, Juliana. *Teoria Antropológica Clássica. Aulas proferidas na UFRN*. (60) horas, 2014. *Mimeo*.